

TRAVESSIA



o jornal de arte e cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena

BARBACENA, JULHO DE 2022



TRAVESSIA DOS GERAIS

Intimidade poética - Lara Katerine • 3

TRAVESSIA, DIADORIM... OS RIOS VERDES

Dos olhos ao coração - Luigi Chaves Zanetti • 5

HOMEM HUMANO. TRAVESSIA

A consciência da finitude - Iandra de Freitas • 14

edição

01

Jul. 2022

“Digo: o real não está na partida nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Assim como pelos caminhos de Guimarães Rosa – o médico que narrou a fabulosa travessia pelas veredas do Grande Sertão dos Gerais –, pelos caminheiros da Faculdade de Medicina de Barbacena nasce o jornal TRAVESSIA: um despertar para as sublimes realidades reveladas durante a jornada na Escola Médica. Travessia é o ato de atravessar, de se deslocar de um ponto a outro. Etimologicamente, a palavra travessia deriva do latim “Transversus”, composta pelo radical “trans” (através) e pelo sufixo “versus” (particípio passado de “vertere”, que significa virar). TRAVESSIA, portanto, será o espaço destinado à narrativa das nossas representações artísticas e culturais à medida que atravessarmos os caminhos e curvamos as estradas da Medicina e da vida. O jornal TRAVESSIA é um convite para toda a comunidade da FAME – acadêmicos, egressos, professores e demais servidores – presentear nossa escola com as suas singularidades poéticas.

TRAVESSIA foi estruturado a partir das paisagens e passagens de “Grande Sertão: Veredas”. Trazemos diferentes espaços que homenageiam essa importante obra da literatura brasileira na composição de cada edição. O Espaço “No meio da travessia” é dedicado a contos e crônicas. “Travessia, Diadorim... os rios verdes” é um espaço dedicado às artes visuais: pintura, desenho, escultura, fotografia e artesanato. “Travessia dos Gerais” é reservado a poemas. “Travessia, Deus no meio” é dedicado à música. Por fim, o jornal apresenta o espaço “Homem humano. Travessia”, destinado a indicações e percepções sobre arte e cultura.

Nesta edição apresentamos a poética fotográfica do acadêmico Luigi Chaves Zanetti e o intimismo poético da psicóloga Lara Katerine. Além disso, trazemos o conto “As capelas de Nossa Senhora”, escrito a partir de um relato da acadêmica Geovanna Vilela e as percepções da acadêmica Iandra de Freitas sobre o livro “Contos de Morte Morrida”, de Ernani Ssó.

Obviamente, o jornal TRAVESSIA, matéria viva que se pretende ser, não está pronto e terminado: estará sempre se transformando no afinar e desafinar dos nossos passos. É com muita alegria que a Faculdade de Medicina de Barbacena convida a todos vocês para se juntarem a nossa tropa e realizarem essa travessia.

Gabriel Dias



Travessia dos Gerais

3

Intimidade poética - Lara Katerine de Oliveira



Travessia, Diadorim... os rios verdes

5

Dos olhos ao coração - Luigi Chaves Zanetti



No meio da travessia

12

As capelas de Nossa Senhora - Gabriel Dias



Homem humano. Travessia

14

A consciência da finitude - Iandra de Freitas

TRAVESSIA

o jornal de arte e cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena

Barbacena, Julho de 2022

TRAVESSIA é uma publicação mensal da equipe de extensão do Núcleo de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão - NUPPE da Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE.

PRESIDENTE - FAME/FUNJOBE

Dr. Fábio Afonso Borges de Andrada

DIRETOR ACADÊMICO - FAME/FUNJOBE

Dr. Marco Aurélio Bernardes de Carvalho

COORDENADOR DO NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO - NUPPE/FAME

Dr. Mauro Eduardo Jurno

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Elcha Britto

Flavianny Faria

Gabriel Dias

Lívia Botelho

Priscylla Knopp

CAPA

Luigi Chaves Zanetti



intimidade poética

Lara Katerine de Oliveira

A psicóloga e psicanalista Lara Katerine de Oliveira revela sua intimidade poética inaugurando o espaço "Travessia dos Gerais". Nascida no Norte de Minas e residindo há 18 anos no Campo das Vertentes, ela atualmente integra a equipe do Núcleo de Apoio Psicológico - NAP da Faculdade de Medicina de Barbacena. Seu trabalho é embasado no ensino de Jacques Lacan, um psicanalista francês pós-freudiano que postula que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Também atua como professora de francês, demonstrando interesse especial pelos principais teóricos da sua área que publicam obras literárias nesse idioma. Ela fala da relação entre a literatura e a psicanálise, apresenta um dos poemas de sua autoria (Desejo) e indica um dos seus poemas preferidos, escrito pela psicanalista e professora Ana Suy.

É possível estabelecer alguma relação entre a literatura e a psicanálise?

Acredito que a psicanálise e a literatura estão intimamente ligadas, afinal, trabalhamos com as palavras, com a expressão da linguagem. Na poesia, particularmente, é possível dar corpo ao indizível, àquilo que mais nos devasta e atormenta. Freud já disse que nesse terreno em que adentramos a duras penas, os poetas já estão lá.

Você considera a escrita como uma forma de catarse?

Pode-se dizer que sim, mas ela não pode ser feita como uma obrigação. Escrever é marcar no papel o que vai dentro da gente. Deve surgir de processos espontâneos a partir de uma certa entrega.

Como a escrita pode auxiliar os seus pacientes em seus processos analíticos?

Muitos analisantes se beneficiam da escrita quando sentem que ali podem dizer coisas que não poderiam ser escutadas por alguém. Mas ainda assim é importante que em algum momento isso passe para a fala endereçada ao analista.

Quais os poetas você lê e recomenda para o leitor?

Atualmente tenho gostado bastante de ler Manoel de Barros e Ana Suy, uma psicanalista contemporânea que escreve um pouco no estilo prosa poética. Inclusive, sugiro que o leitor leia o poema "Tulipa Azul" da Ana Suy, um dos meus preferidos dela.



Se quiserem acompanhar um pouco mais o trabalho da psicanalista Lara Katerine, sigam o perfil [@larakaterinepsi](#) no Instagram. A partir da próxima edição ela abordará temas da psicanálise em um espaço fixo no jornal TRAVESSIA.

Desejo

Desejo proibido?

Não, desejo desejado.

Fruta madura no pé.

Daqueles que enchem a boca d'água?

Do tipo que tira do chão.

Não sei se conheço, já ouvi falar.

Tá em falta. Precisa da falta pra aparecer.

Mas e se não aparece, o que pode fazer?

Lara Katerine

Tulipa Azul

Se eu te pedir pão,
você me der pão
e eu reclamar
do pão que você me deu,
não é que eu não quisesse pão,
é que eu queria pão e também amor.
Se eu te pedir vinho,
você me der vinho
e ainda assim eu reclamar
do vinho que você me deu,
não é que eu não quisesse vinho,
é que eu queria vinho e também amor.
Se eu te pedir uma tulipa azul,
você me der uma tulipa azul
e eu reclamar mesmo assim
da tulipa azul que você me deu,
não é que eu quisesse uma tulipa de outra cor,
é que eu queria uma tulipa azul e também amor.
Amor não é coisa que se peça,
por isso peço essas outras coisas todas,
mas se você acreditar
que quando eu te peço pão, vinho e tulipa azul,
eu estou mesmo te pedindo pão, vinho e tulipa azul,
então me terá sempre insatisfeita.

Ana Suy

dos olhos ao coração

Luigi Chaves Zenatti



Natural de Barbacena, o acadêmico Luigi Chaves Zanetti nos revela a beleza que extrai da natureza a cada um dos seus trabalhos fotográficos. Após vários anos em São João del-Rei, onde se graduou em História, ele atualmente faz um caminho de volta às origens no encontro com a sua mais nova paixão: o curso de Medicina da FAME. Professor de história e boxe, ele também já se embrenhou nos estudos da alma humana enquanto cursava Psicologia. Trancou o curso para morar em Waterford (Irlanda), mas em decorrência da pandemia mudou de planos e decidiu abraçar a Medicina. Nessa entrevista conheceremos mais uma vertente desse ser humano plural que parece não ter medo de se aventurar pelas possibilidades de ser o que se quiser.

Como surgiu o interesse pela Medicina após atuar em tantas outras atividades?

O meu interesse pela Medicina surgiu como um desafio pessoal para que eu saísse da minha zona de conforto. Eu poderia muito bem ter retornado para o curso de Psicologia, mas queria experimentar – novamente – outro caminho. Vim para a Medicina como um aventureiro, mas agora o curso se tornou o grande motor da minha vida. Entrei com interesse óbvio pela Psiquiatria, mas a partir do momento em que conheci a Cardiologia me encantei e hoje pretendo me especializar nessa área.

Você, como professor, sabe muito bem que o encanto pelas diversas áreas do conhecimento geralmente surge pelo encanto despertado por algum professor. De onde nasceu o encanto pela Cardiologia?

Eu realmente fui instigado pelo “amor cardiológico”. Na verdade, a maior responsável por esse amor foi a professora Marcela Faraj, a quem eu dedico um agradecimento especial e afetuoso.



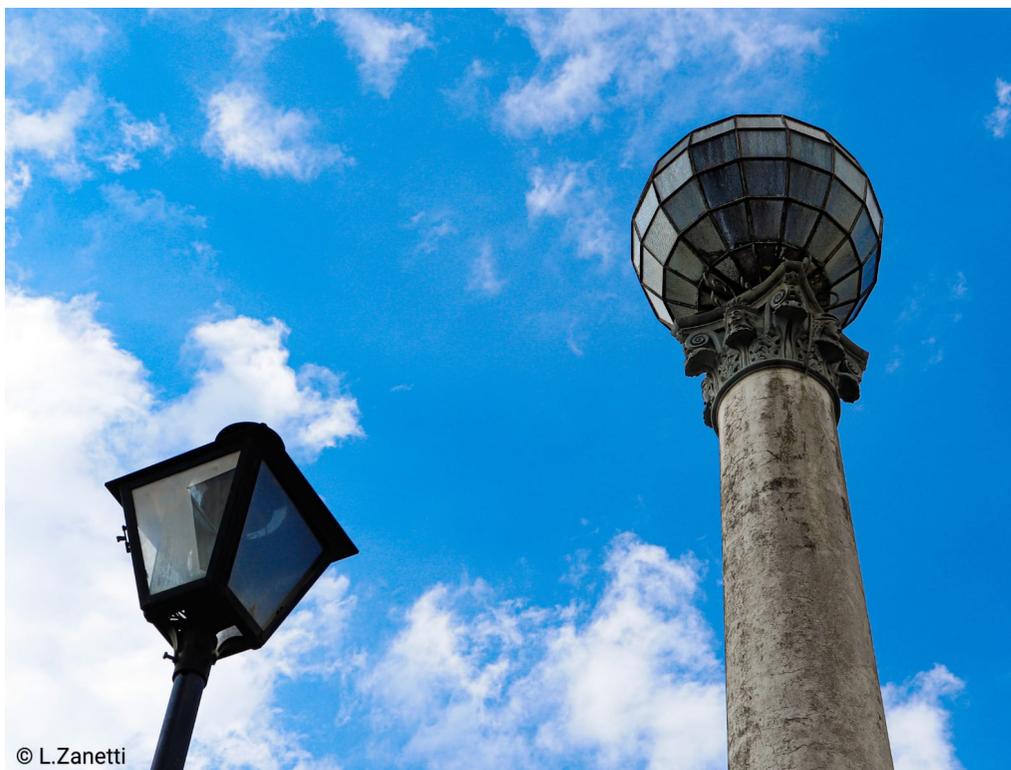
E o seu interesse pela fotografia, como surgiu?

Meu interesse pela fotografia surgiu de forma genuína. Eu via, vivia e sentia momentos, queria guardar e compartilhar visões, emoções. Naturalmente, o registro de tais momentos era a maneira mais simples de realizar esse desejo. Ademais, eu poderia relembrar situações vividas e contar histórias por meio de imagens. Afinal de contas, uma foto nunca é só uma foto. Quando mostramos uma imagem para alguém, ela vem carregada de histórias, você diz: “esse era eu com 7 anos, morava em tal lugar, nesse dia aconteceu tal coisa...”. Então, para mim, houve a união de duas paixões: foto e história.

“

para mim, houve a união de duas paixões: foto e história.”





Mas, as suas fotografias são bastante profissionais. Qual o movimento você fez para transformar esse interesse em resultados técnicos tão elaborados?

Bem, a partir desse interesse, eu economizei dinheiro e comprei uma câmera “de entrada” (como chamamos as câmeras mais simples), duas lentes (muita gente não sabe, mas as lentes são fundamentais) e um tripé. Depois disso investi um bom tempo estudando sobre fotografia e nesse momento entendi que tirar foto ia muito além de ter uma câmera e sair por aí clicando. Para ser fotógrafo é necessário um trabalho muito árduo! E muito estudo...



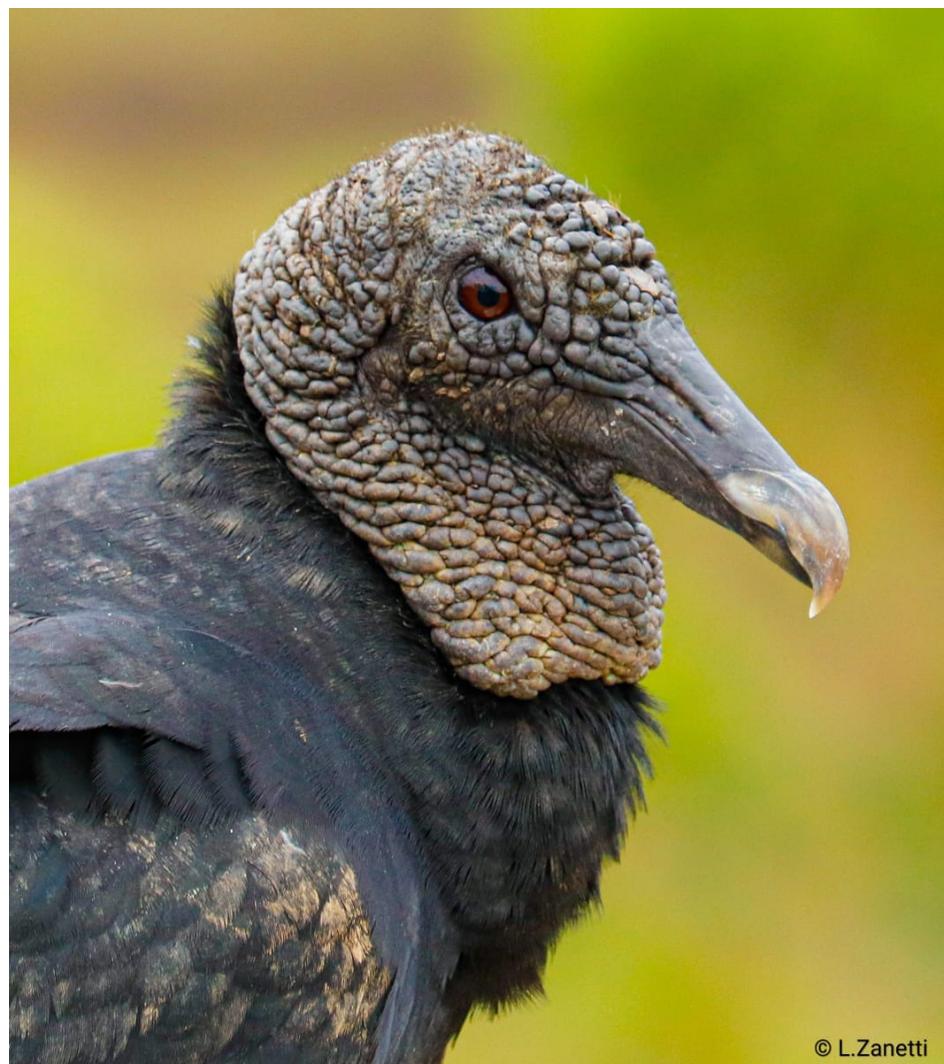
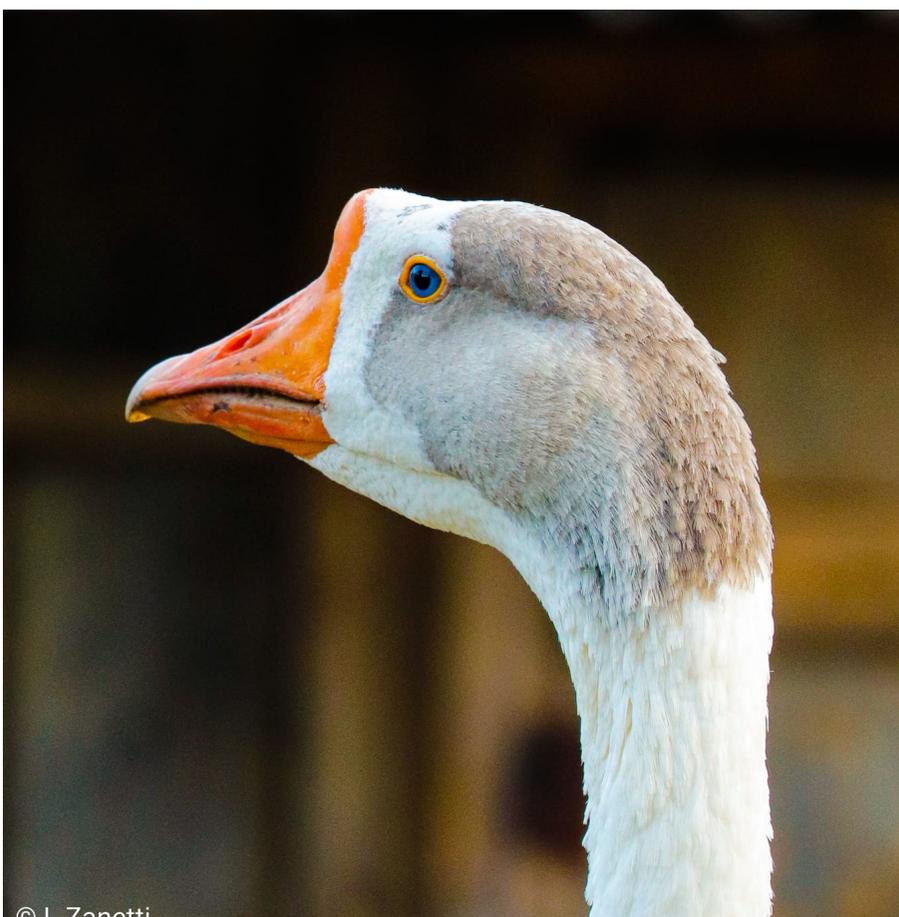


Em relação à estética, você classifica seu trabalho pertencente a algum estilo fotográfico?

Como o que me motivou a entrar nesse ramo foi a necessidade de compartilhar visões, obviamente me arrisquei na área da fotografia de natureza. Amo paisagens, me encanto com a beleza do meio ambiente, sou do tipo que se emociona com um pôr-do-sol, que é eternamente apaixonado por animais (inclusive sou vegetariano por esse motivo), sou “discípulo” de Baruch Espinosa e como ele, acredito que “Deus é um mecanismo imanente da natureza e do universo. Deus e Natureza, dois nomes para a mesma coisa”. Também me interessa muito pela macrofotografia e pela fotografia de longa exposição, que são dois territórios maravilhosos e imensos, mas que exigem equipamento caro.



acredito que “Deus é um mecanismo imanente da natureza e do universo. Deus e Natureza, dois nomes para a mesma coisa.”



Quais fotógrafos influenciam o seu trabalho?

Alguns fotógrafos influenciam muito o meu trabalho. Entre eles estão: Sebastião Salgado, que é muito famoso no mundo inteiro por seu trabalho social e suas fotos P&B; Araquém Alcântara, especialista em meio ambiente; Joel Sartore, estadunidense expert em fotografia de animais e o Jordi Koalitic, que é um espanhol muito criativo. Mas também acho válido citar alguns colegas próximos que fazem trabalhos lindos, um deles é o Robson Panzera, grande amigo e cinegrafista da Globo, que me ensinou muito. E não posso deixar de falar da Natália Chagas (@nativaprojeto @nataliachagasn), que tem um projeto maravilhoso com registros afetivos de mulheres, ajudando no empoderamento e na autoestima delas.



Como ocorre o seu processo de criação?

Meu processo de criação ocorre, principalmente, de duas formas diferentes. Uma envolve fotos espontâneas, que acontecem de maneira inusitada, quando passo por alguma paisagem, imagino a imagem e dou sorte de estar com a câmera, faço o clique (muitas vezes fracasso na missão). Outra abrange as fotos trabalhadas, nas quais penso por dias, passo horas tentando reproduzir o que pensei. Essas exigem muito conhecimento técnico e quase sempre geram um ótimo resultado.

Os olhos são elementos muito marcantes nas fotografias em que você retrata humanos e animais. Parecem estabelecer uma conexão profunda com o fotógrafo. O que os olhos e olhares significam para você?

Então, a ênfase dos olhares nas minhas fotos começou pelo estudo. Li vários livros e textos que ressaltavam a necessidade de dar maior foco e maior nitidez aos olhos. Ao longo do tempo percebi que dessa forma poderia trazer mais alma, poderia carregar as fotos com emoções, transmitir sentimentos. Agora, trago essa característica nas minhas imagens. Inclusive tenho o plano de fotografar vários olhares e escrever um pouco sobre os donos daqueles olhos (ainda não consegui colocar 100% em prática pela impossibilidade de ter dedicação exclusiva e por não ter equipamento adequado). Vale dizer que a medicina também despertou esse interesse por olhos, afinal, por eles podemos diagnosticar várias patologias.



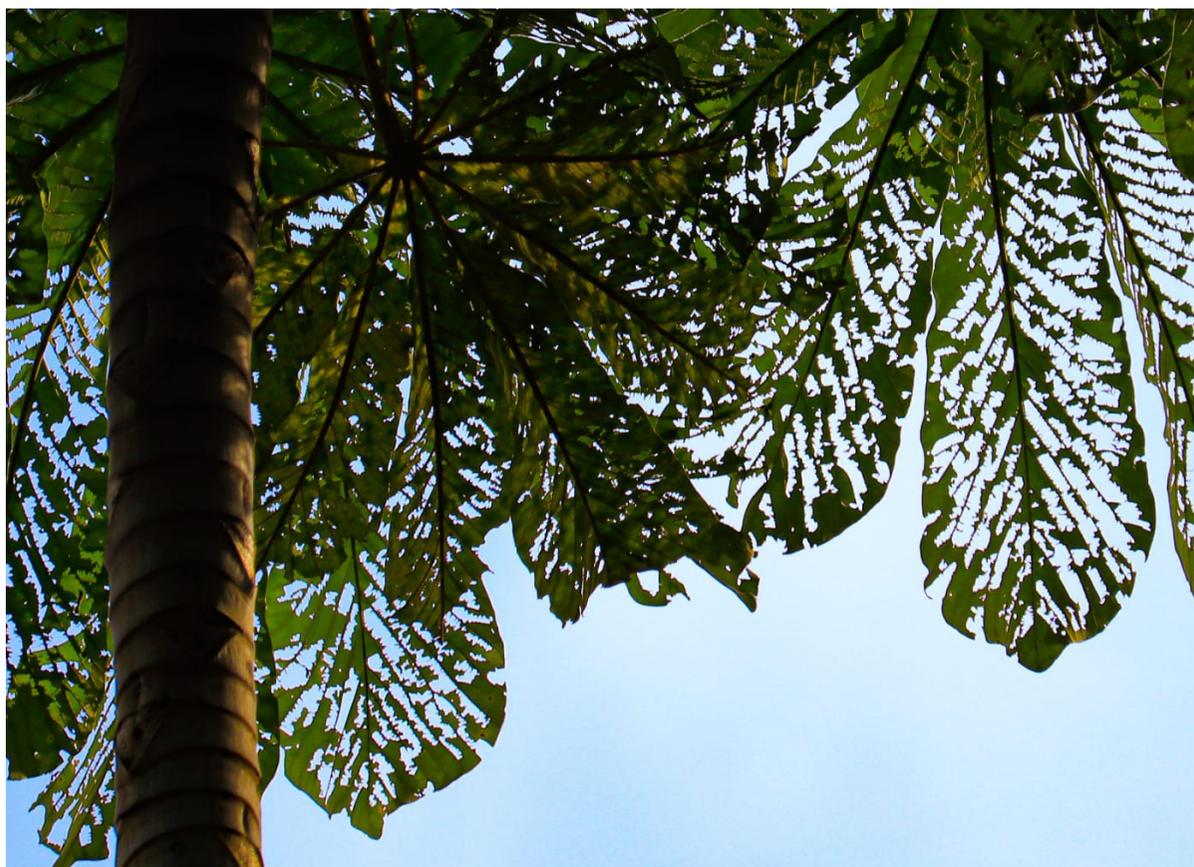
a medicina também despertou esse interesse por olhos, afinal, por eles podemos diagnosticar várias patologias."

Existe algum local ou tema que você ainda quer fotografar e não teve oportunidade?

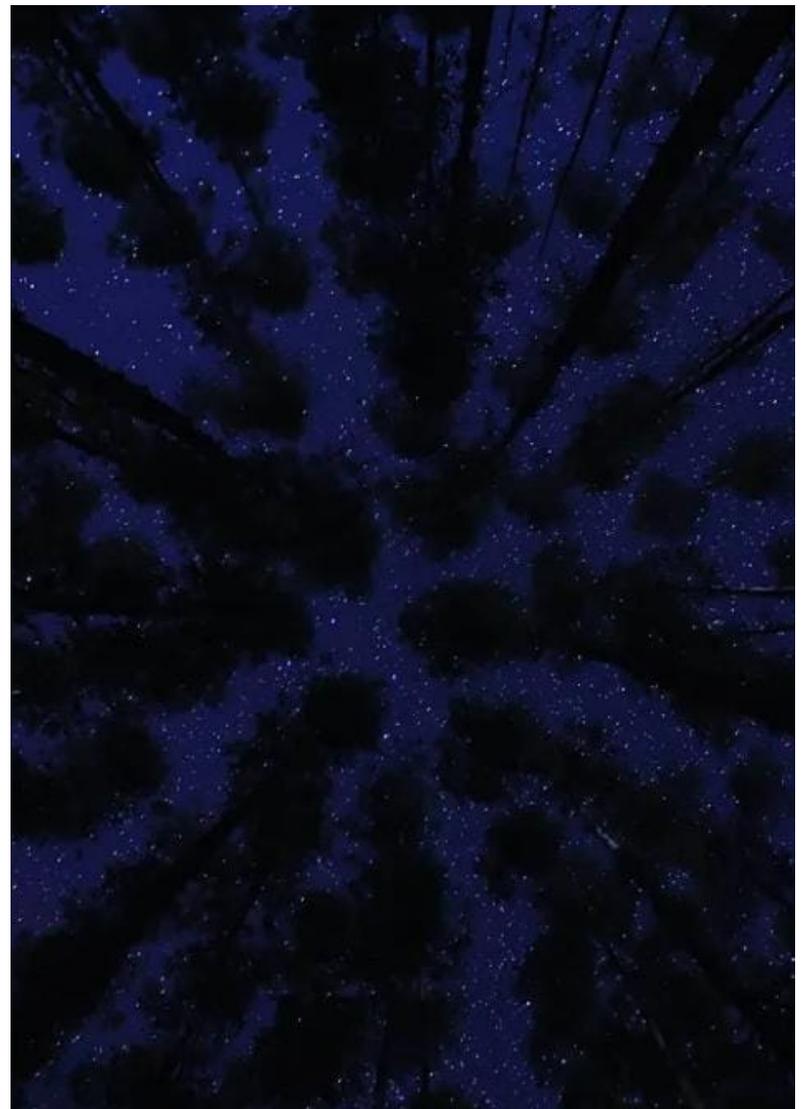
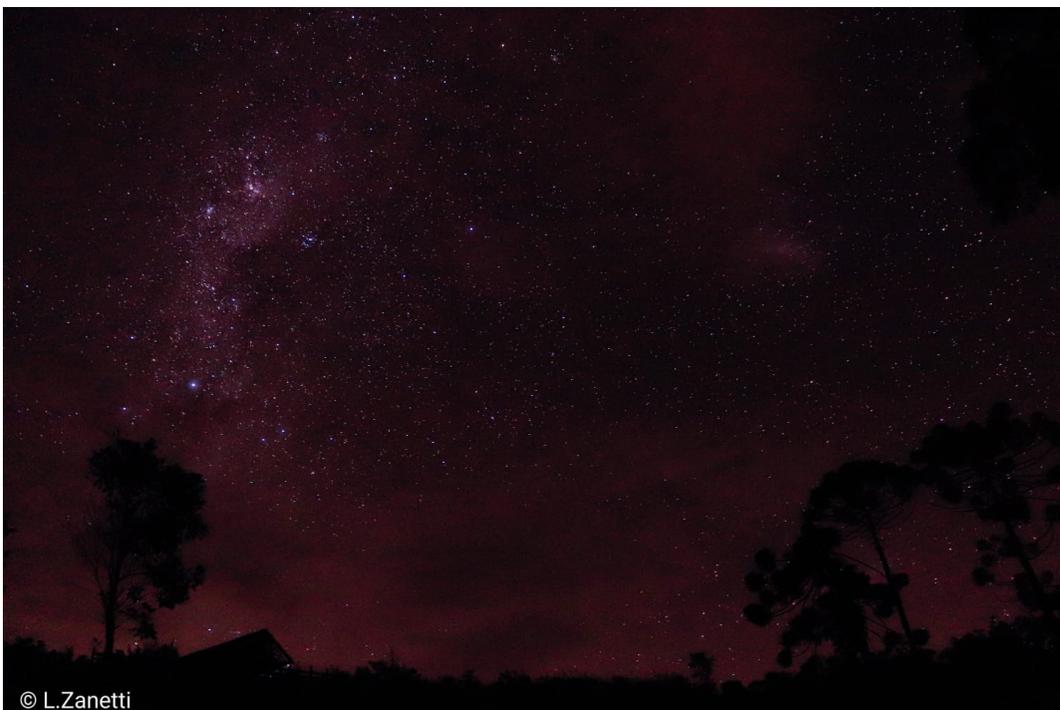
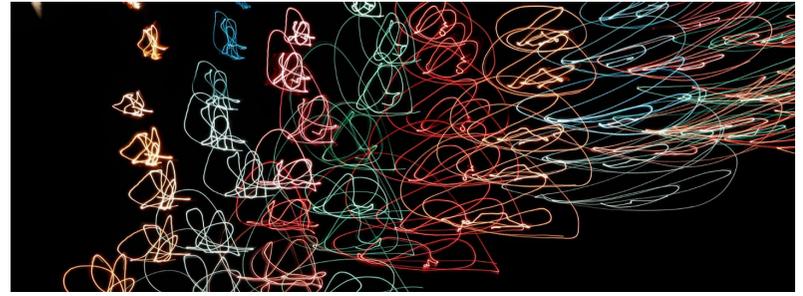
Sou aquele tipo de pessoa intensa, que tenta abraçar o mundo. Sendo assim, ainda sonho com muitas fotos. Penso em projetos sociais voluntários, como fotos de animais para adoção, entre outros. Penso em temporadas de fotografia nas savanas africanas para registrar a vida selvagem. Mas acredito que o maior sonho é fotografar a aurora boreal.

O que você sugere para outros acadêmicos da FAME que pensam em se iniciar na fotografia?

Para iniciar na fotografia, como tudo na vida, é preciso dar o primeiro passo. Se você realmente quer ser fotógrafo, mesmo que amador, só vai! Comece a estudar sobre o assunto, buscar informações, conhecer pessoas que são referência na área. Daí pra frente é prática, é clicar e se frustrar, é clicar e se encantar, é tentativa e erro, é aprendizado gradual e contínuo. E não se apeguem a equipamento, não se iludam com aquele papo de: "ah, com essa câmera até eu tirava essa foto". Por incrível que pareça, o equipamento não tira foto sozinho! Você pode ter o melhor equipamento do mundo, mas se não tiver o seu olhar e a sua técnica por trás da imagem não adianta nada, pelo contrário, quanto mais sofisticado o dispositivo mais conhecimento é necessário para tirar uma boa foto. E por fim, qualquer coisa me chame para trocar uma ideia, sou uma pessoa super disposta a ensinar e aprender.



ainda sonho com muitas fotos. Penso em projetos sociais voluntários, como fotos de animais para adoção, entre outros. Penso em temporadas de fotografia nas savanas africanas para registrar a vida selvagem. Mas acredito que o maior sonho é fotografar a aurora boreal."



as capelas de Nossa Senhora

Gabriel Dias

“A morte é o produto da vida. É necessário respeitar o movimento natural de todas as coisas, é necessário respeitar a condição primária de tudo o que é vivo...” – refletia o Doutor Paulo na delicada capela do moderno hospital em que trabalhava, enquanto observava profundamente a chama da vela que fremeia em frente a imagem de Nossa Senhora das Graças. Embora o matiz já prateado dos cabelos revelasse a experiência dos longos anos em Oncologia, perder uma paciente como aquela jovem de tantos sonhos ainda era algo que o imergia em um íntimo reflexivo. Nesses momentos a capela de Nossa Senhora das Graças se tornava o ventre materno que o acalentava...

- Meu Deus, ele deve estar morrendo de dor! – falava assustada a jovem acadêmica de Medicina, Clara, em mais uma das suas experiências no estágio hospitalar.

- Se posicione, garota! Onde foi parar a capacidade resistiva dessa atual geração? Estão arruinando a Medicina, estão arruinando a Medicina! – bradou a médica preceptora.

- Me... me desculpe, professora! – engoliu as lágrimas em nó na garganta enquanto se movimentava espantada para a direita abrindo caminho para a austera doutora.

- Prepare os instrumentos, Clara! – Gritou a preceptora.

Estendido na maca, um menino de mais ou menos sete anos de idade exibia a perna aberta em ferimentos. Havia sido atropelado por um caminhão na estrada enquanto andava em sua égua de estimação.

- Fique tranquilo, meu querido! Tudo vai ficar bem! Você está sentindo muita dor? – perguntou em tom baixo e preocupado a estudante de Medicina, enquanto fitava a criança com olhar terno e compassivo.

- Como está minha égua, tia? Eu quero cuidar dela... – indagou o menino com voz a embargada.

- Ela está bem, não se preocupe com isso agora. Vamos cuidar de você primeiro, fique calmo! – respondeu Clara.

- Tia, quem está cuidando da minha égua? Todo dia eu cuido dela, tia! Levo para o pasto, dou água. Todo dia ela me espera de manhã e a gente passeia...

- Acalme-se, meu lindo! A tia promete cuidar da sua égua. Confie em mim! Cuidarei dela e de você! – disse a acadêmica com os olhos marejados de lágrimas.



- Tia, cuide dela! Eu amo os meus animais. O padre que leva hóstia para minha vizinha no sítio disse que Deus e Nossa Senhora protegem as pessoas e os animais. Você sabia, tia? Quando o caminhão atropelou a gente, eu caí ao lado da capelinha da Ave Maria. Nossa Senhora me salvou! Quem está com minha égua agora, tia?

- Paulo, a tia...

- Clara! – censurou asperamente a preceptora com olhar gélido e expressão punitiva.

A criança resvalou para um sono profundo.

O procedimento cirúrgico foi realizado com sucesso. A equipe envolvida havia completado mais uma missão diária. Naquele mesmo dia, a médica preceptora enviou um ofício para a Escola Médica conveniada desligando a acadêmica das atividades naquele hospital. Clara foi informada mais tarde que havia sido realocada para outra unidade hospitalar. Ao chegar em casa, a acadêmica desmoronou. Entre lágrimas e soluços refletia sobre o peso da própria escolha. Era preciso cuidar de corpos e entender os corpos. Era preciso curar os corpos. Era preciso cuidar de si mesma: se parir a cada dia; se parir e se criar. Era preciso suportar o peso dos dias, das noites mal dormidas, dos medos e da solidão. Era preciso sobreviver à insensibilidade humana. Era preciso criar corações sem perder a ternura, suportar duas ou três lagartas para conhecer as borboletas. Era preciso amar, recomeçar e continuar. Era preciso ser médica.

Observando fixamente o singelo balé da chama abraçada pela imagem de Nossa Senhora das Graças, o Doutor Paulo se transportou no tempo. Lembrou-se das visitas agradáveis que recebera da tia Clara quando voltou para o sítio após aquele acidente. Lembrou-se dos presentes que ganhara naquela época: lindos carros de boi de madeira e um filhote de viralata caramelo, o Teco. Lembrou-se das estradas de terra a perder de vista, da capelinha da Ave Maria e da sua amada égua de estimação. Lembrou-se que ali experimentara a primeira grande dor da perda: sua égua não resistira ao acidente. Lembrou-se de outras dores e outras perdas: sua vizinha, alguns amigos, alguns amores e os seus primeiros pacientes. Lembrou-se que ali começara a compreender que a vida era exatamente isso: ciclos intermináveis que se estendiam em uma espiral infinita. E aceitou. Lembrou-se dos amigos e familiares em sua cerimônia de formatura e da foto com a Doutora Clara: a tia do hospital que acabara se tornando colega de profissão. Lembrou-se da emoção indescritível de se tornar médico, de ser aprovado na residência, de ouvir o primeiro choro dos filhos...

- Doutor Paulo, com licença! – disse a enfermeira-chefe.

- Sim, o que houve? – respondeu sobressaltado como desperto de um sonho.

- Me desculpe! Os resultados do paciente internado ontem...

Lá fora, sobre aquela enorme edificação hospitalar, intensos e brilhantes raios de sol – como que surgidos de mãos milagrosas – riscavam o céu que se estendia em manto azul celeste. Lírios brancos floresciam por toda parte.

Era novembro.

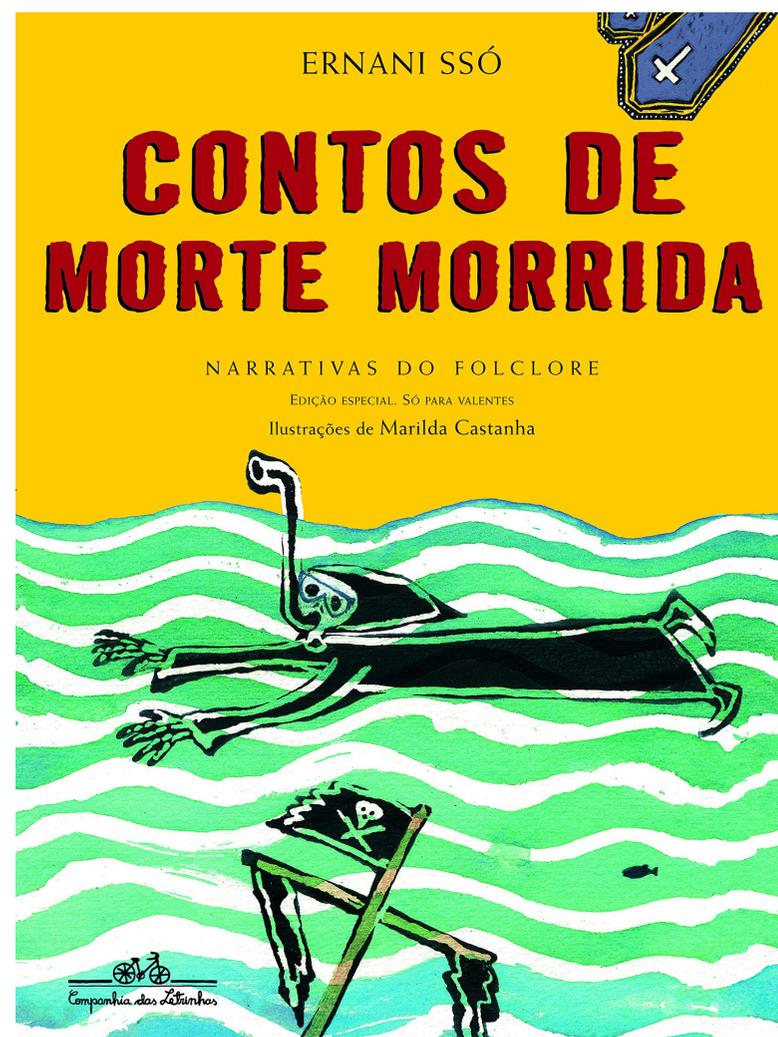


Conto escrito pelo técnico de Extensão Gabriel Dias e inspirado em um relato feito pela acadêmica Geovanna Vilela. Todas as personagens são fictícias.

a consciência da finitude

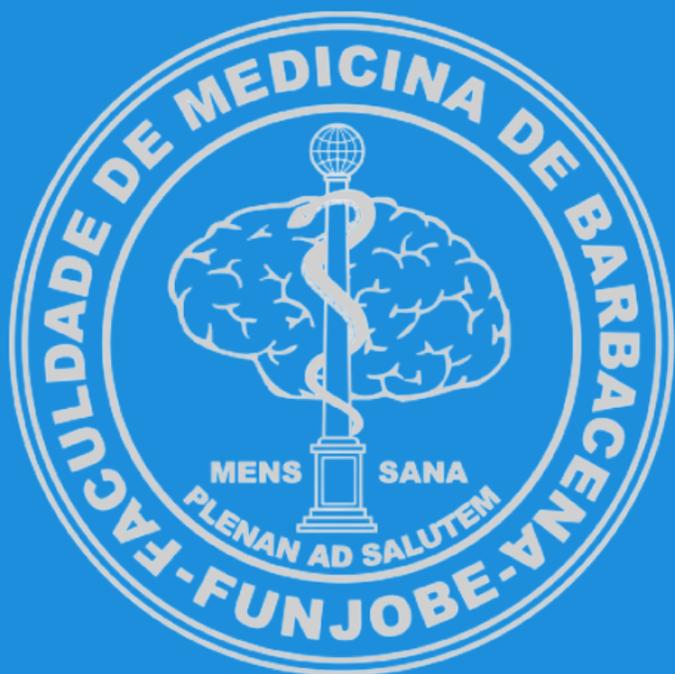
Por Iandra de Freitas

"Contos de Morte Morrída" é um livro destinado ao público infantil e escrito pelo jornalista gaúcho Ernani Ssó. O livro narra nove histórias de pessoas tentando evitar a morte, abordando com naturalidade e bom humor assuntos referentes à finitude. Ao longo dos textos observamos que a personificação da morte não remete a algo macabro, mas, pelo contrário, a postura dessa entidade se configura receptiva, paciente e até mesmo gentil. A morte e o morrer são abordados como algo inerente à existência humana, já que a morte anda de mãos dadas com a vida. A genialidade desse livro está no público-alvo, pois, o autor demonstra que a morte deve ser assimilada sem dificuldades desde a tenra idade. Meu contato com esse livro se deu a partir da leitura de "Pra vida toda valer a pena viver: Pequeno manual para envelhecer com alegria" da autora Ana Claudia Quintana Arantes, que também aborda questões referentes à consciência da finitude e envelhecimento. Ambos os livros auxiliam na construção de uma perspectiva honesta acerca das perdas que envolvem o envelhecimento (autonomia, independência, pessoas amadas, vitalidade) e à consciência da finitude, nos provocando a escolher viver uma vida autêntica que faça sentido: uma vida que valha a pena ser vivida. A perspectiva honesta da consciência da finitude e assuntos relacionados à terminalidade e morte digna está estritamente relacionada aos cuidados paliativos e ao trabalho dos profissionais da saúde. Esse tipo de leitura permite reflexões acerca do modo com o qual, nós, futuros médicos lidaremos com perdas, limites e o sofrimento alheio, e conseqüentemente contribuem no desenvolvimento da empatia, que a meu ver é uma característica imprescindível ao médico. A morte não deveria ser tratada como tabu, permeada de preconceito infundado, mas como algo inerente da existência humana. A consciência da finitude é importante para salvar a própria existência enquanto biografia, uma vez que permite a compreensão do que realmente importa na vida. Esse tipo de leitura é relevante para promover essas reflexões.



Iandra de Freitas, natural do município de Antônio Carlos e acadêmica do 11º período de Medicina, tem a leitura e a meditação como principais hobbies. Apaixonada por aprender e ajudar as pessoas, pretende especializar-se em Cuidados Paliativos na Oncologia, buscando aperfeiçoamento contínuo para proporcionar dignidade e humanidade aos seus pacientes. Considera que as experiências vivenciadas na FAME, sobretudo na área oncológica, trouxeram uma nova perspectiva sobre a própria vida. Para ela, as trivialidades são os elementos mais significativos na busca do real sentido da existência. Em relação ao exercício da Medicina pretende continuar sendo honesta consigo e com os seus valores, e, grata às oportunidades diárias de aprendizado na lida com as fragilidades humanas.

Para publicar poemas, contos, crônicas, resenhas ou divulgar artes visuais e música no jornal TRAVESSIA entre em contato com o setor de Extensão pelo e-mail extensao@funjob.edu.br.



TRAVESSIA

o jornal de arte e cultura da Faculdade de Medicina de Barbacena

Faculdade de Medicina de Barbacena - FAME/FUNJOBE
Praça Pres. Antônio Carlos, 8, São Sebastião, CEP 36202-336, Barbacena-MG
Portal: <https://famebarbacena.com.br/>